

## Trans(formação) de professores nos ateliês autobiográficos: tecendo uma revisão narrativa

### Eacher trans(training) in autobiographical workshops: weaving a narrative review

## Trans(formación) de docentes en talleres autobiográficos: tejiendo una revisión narrativa

Dilaina Paula Santos<sup>1</sup> , Ecleide Cunico Furlanetto<sup>1</sup> , Cristiane Nobre Nunes<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Cidade de São Paulo, Tatuapé, São Paulo, Brasil.

#### Autor correspondente:

Dilaina Paula Santos

Email: dilaina22801@gmail.com

**Como citar:** Santos, D. P., Furlanetto, E. C., & Nunes, C. N. (2025). Trans(formação) de professores nos ateliês autobiográficos: tecendo uma revisão narrativa. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 18(37), e22660. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v18i37.22660>

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as principais produções científicas do Brasil nos últimos cinco anos, com foco nos ateliês autobiográficos, no contexto da formação continuada de professores, apresentando uma revisão narrativa de literatura. Nos apoiaremos em trechos do livro “Ponto a ponto”, de Ana Maria Machado, para alinhar o caminho percorrido. Os fios escolhidos, no caso, as obras selecionadas, serão tecidos no tear: base metodológica, que dará sustentação ao trabalho, articulados na urdidura<sup>1</sup> constituída pelas reflexões teóricas de autores como: Nóvoa (1992), Delory –Momberger (2006), Josso (2007), Passeggi (2010). As considerações sobre essas narrativas comporão uma trama. No final, teremos um tecido composto pelos ensinamentos que cada obra nos proporcionou.

**Palavras-chave:** Ateliês autobiográficos. Formação. Narrativas. Revisão narrativa.

#### ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the main scientific productions in Brazil over the last five years, focusing on autobiographical workshops in the context of continuing teacher training, presenting a narrative literature review. We will rely on excerpts from Ana Maria Machado's book “Ponto a ponto” (Point by point) to pave the way. The chosen threads, in this case the selected works, will be

---

<sup>1</sup> Urdidura: conjunto dos fios dispostos de forma paralela no comprimento do tear por entre os quais se passam os fios para formar a trama.

woven on the loom: the methodological basis, which will support the work; and articulated in the warp constituted by the theoretical reflections of authors such as: Nóvoa (1992), Delory-Momberger (2006), Josso (2007), Passeggi (2010). Considerations of these narratives will make up a weave. In the end, we will have a fabric made up of the lessons that each work has taught us.

**Key words:** Autobiographical workshops. Training. Narratives. Narrative review.

## RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar las principales producciones científicas en Brasil en los últimos cinco años, centrándonos en los talleres autobiográficos en el contexto de la formación continua de profesores, presentando una revisión narrativa de la literatura. Nos basaremos en fragmentos del libro de Ana Maria Machado «Ponto a ponto» (Punto a punto) para alinear el camino recorrido. Los hilos elegidos, en este caso las obras seleccionadas, serán tejidos en el telar: la base metodológica, que sustentará el trabajo; y articulados en la urdimbre constituida por las reflexiones teóricas de autores como: Nóvoa (1992), Delory-Momberger (2006), Josso (2007), Passeggi (2010). Las consideraciones sobre estas narrativas formarán un tejido. Al final, tendremos un tejido compuesto por las lecciones que cada obra nos ha enseñado.

**Palabras clave:** Talleres autobiográficos. Formación. Narrativas. Revisión narrativa.

## INTRODUÇÃO: CONSTRUINDO O TEAR

*Era uma vez uma voz. Um fiozinho à toa. Fiapo de voz. [...] Mas depois se juntava a outros fios. E ponto a ponto, pingo a pingo, seguia em frente, cantando pelas pedras, acarinhando as margens, ficando cada vez mais forte.*  
(Ana Maria Machado – Ponto a ponto)

No Brasil, pesquisas que se utilizam da abordagem da Pesquisa-formação, cujo mote são as narrativas de vida, têm ganhado força no campo da formação de professores. Isto se deu, principalmente, a partir das publicações de pesquisadores, que introduziram uma perspectiva de formação baseada nas histórias de vida. No início dos anos 2000, as narrativas de si como dispositivo de pesquisa e formação já se faziam presentes de modo a serem detectadas por autores que se dedicavam a pesquisar a formação, como André (2010), que, ao realizar um estudo sobre o delineamento no campo da formação de professores, afirmou:

O exame das dissertações e teses sobre formação de professores defendidas nos anos de 2000 mostra que há certas metodologias que têm sido privilegiadas pelos pesquisadores e vão cada vez mais constituindo uma tendência do campo: são os estudos que coletam depoimentos, os (auto) biográficos, as pesquisas colaborativas e a pesquisa-ação (André, 2010, p.178).

Essa abordagem, que estava se evidenciando nas pesquisas focadas na formação de professores, apostava no protagonismo do educador como parte indispensável do formar-se. Seus apoiadores destacavam a perspectiva de ouvir o professor, valorizando o seu saber e o seu fazer.

Ao retomarmos o caminho percorrido por esse modo de pesquisar, pautado nas narrativas de vida, observamos a existência de uma flutuação nas formas de nomeá-la, alguns autores se referem à Pesquisa biográfica, outros à Pesquisa autobiográfica e, no Brasil, tem ganhado destaque a Pesquisa (auto)biográfica. Quanto a esta última, Passeggi (2010) nos informa que, nos Congressos Internacionais sobre Pesquisa (auto)biográfica (CIPAs), as discussões levaram a adoção da “solução dos parênteses – (auto)biografia – para chamar a atenção sobre dois tipos de fontes nas pesquisas

educacionais: as biográficas e as autobiográficas” (p. 108). Quando o prefixo “auto” entre parênteses é apresentado, enfatiza tanto a dimensão da história do “eu” quanto a do “outro”.

As pesquisas foram tomando diferentes direções, algumas delas utilizavam as narrativas como procedimento de produção de dados, enquanto outras se configuraram como pesquisa-formação, uma abordagem que compreende os sujeitos envolvidos como atores/autores, que possuem um pensar e sentir a respeito da pesquisa. Na perspectiva de Delory-Momberger (2014), ela se delinea como:

[...] um método de investigação que permite articular a análise dos fatores sociológicos e psicológicos que condicionam as histórias individuais e, por outro lado, propõe aos participantes suportes de reflexões que lhes permitem analisar a sua trajetória social e as relações que mantém com sua história (p. 325).

Autores como Josso (2007), Delory –Momberger (2006), Pineau (1988) e Dominice (1996) acentuam, em seus estudos, que pesquisas que possibilitam refletir sobre experiências formativas estimulam uma disposição para “formabilidade”, a qual se apresenta como em uma abertura interna do sujeito para a formação, melhor dizendo, uma ampliação da consciência sobre a importância de estar em formação.

Os autores acima mencionados observam que o sujeito constitui o seu percurso de formação enquanto vai se historiando pela narrativa, que não se trata somente de um resgate ao passado, mas sim de como ele atua no hoje e de como pensar sobre isso transforma o amanhã. Esse processo foi sendo reconhecido nos contextos das pesquisas e nomeados de “Autoformação” (Pineau, 1988), “Projeto de Si” (Josso, 2007 e Delory –Momberger, 2006); “Projeto de Vida” (Dominicé, 2006).

Diante do exposto, consideramos que a Pesquisa-formação é uma abordagem em que o próprio sujeito de pesquisa se compromete com o autoconhecimento e com a autoformação, ao reconstruir o passado no presente, projeta-se para o “vir a ser”. Esse modo de pesquisa auxilia na formação dos sujeitos e suas aprendizagens reflexivas, fazendo com que o percurso de sua vida “torne-se um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu (s) projeto (s) de vida e sua (s) demanda (s) de formação atual.” (Josso, 2007, p. 420-421). A narrativa de si pode, então, estimular o exercício de refletir sobre si mesmo e, a partir disso, reinventar-se. Deste modo, concebe-se o sujeito sempre em transformação, isto é, aquele que modifica a forma por meio da ação.

No contexto da pesquisa-formação, foram delineados ateliês/oficinas como espaços/tempos propícios para narrar as histórias de vida. Diversos contextos têm sido escolhidos para a realização das pesquisas, assim como diferentes públicos no campo da educação. Muitas dessas propostas foram disponibilizadas na forma de dissertações, teses e artigos acadêmicos que estão disponíveis para serem consultados. Este material nos estimula a formular algumas perguntas: Como os ateliês têm acontecido para atingir os objetivos propostos pelas pesquisas? Diferentes instrumentos de inspiração são utilizados? Quais são eles? Como os ambientes têm sido pensados? E quais são as bases-suportes e linguagens oferecidas para que as narrativas sejam expressas?

Partindo desses questionamentos, este artigo tem como objetivo compreender como os ateliês autobiográficos foram constituídos nas pesquisas brasileiras de formação continuada de professores da educação básica, publicadas nos últimos anos.

Pretendemos puxar alguns fios que compõem essas produções e, como nos lembra Ana Maria Machado na epígrafe, no início fininhos, porém, se os juntarmos, com certeza se fortalecerão. Para unir alguns fios que compõem as diferentes pesquisas-formação, pretendemos fazer uma revisão narrativa de literatura.

A escolha desse modelo de revisão nos pareceu pertinente, porque permite mais liberdade à metodologia utilizada para a busca das informações, assim como para os critérios de elegibilidade

das fontes, comparado à revisão sistemática, portanto, a extração das informações, na revisão narrativa, é realizada de forma qualitativa, em que a literatura publicada é produzida pela análise crítica pessoal.

As reflexões aqui dispostas se iniciam de forma semelhante à construção de um tear, objeto geralmente feito em madeira em que se prendem fios longitudinalmente formando a urdidura, pela qual se passaram outros fios com intuito de formar uma trama. A base de madeira, que sustenta a trama a ser tecida, constitui, em nosso estudo, a base metodológica pautada na revisão narrativa. Os fios que se prendem na madeira e constituem a urdidura se formarão por um breve estudo da pesquisa-formação de professores com foco nas histórias de vida, destacando os ateliês autobiográficos como dispositivo.

Neste texto que nos propomos a produzir, para que a trama seja tecida a partir do objetivo traçado, fez-se necessário que os fios fossem escolhidos a serem tramados aos fios da urdidura. Esses se constituiriam nos trabalhos a serem analisados. Selecionamos, em um primeiro momento, os trabalhos inspirados no dispositivo de oficinas/ateliês autobiográficos com educadores, a fim de obter uma visão dos contextos, (lugares e públicos) em que as pesquisas haviam sido realizadas. Dentre esses trabalhos, filtramos aqueles em que o contexto ocorreu na formação continuada, e que foi realizada com professores de educação básica. Optamos por selecionar trabalhos realizados nos últimos cinco anos.

Com os fios escolhidos, eles começaram a ser entrelaçados aos fios da urdidura para que fossem elucidados os pontos de nossa investigação.

## A PESQUISA-FORMAÇÃO COM FOCO NAS HISTÓRIAS DE VIDA: ESTRUTURANDO A URDIDURA

*A cada história a voz crescia. Marcava pontos. Ficava em  
ponto maior.  
Mais firme, mais decidida, entendendo melhor a vida.  
(Ana Maria Machado – Ponto a ponto)*

Seguindo com os fios de Ana Maria Machado e dos primeiros autores que contribuíram com a Pesquisa-formação, fomos estruturando, em nosso tear, a urdidura, a partir daquilo em que se constitui essa abordagem, para que os fios fossem enlaçados em algo fundamentado.

Para nossa discussão sobre a formação do professor, propomos, inicialmente, refletir sobre o que é “formar”. “Formar”, segundo o dicionário, é dar ou tomar forma, estruturar (-se), conceber ou ser concebido, criar (-se). Portanto, quando pensamos na formação docente, imaginamos um educador sendo formado, colocado numa forma, em algo pré-concebido que precisa se encaixar. Ou então podemos pensar nele estruturando-se, concebendo-se, criando-se, formando-se.

(...) pode-se pensar em formação como um processo de “enformar” o professor, um processo mais comprometido com o reprimir, com o imprimir. Essa formação acontece a partir de modelos preconcebidos, que não levam em conta a pessoa e o saber do professor. Por outro lado, o mesmo conceito pode nos remeter a palavra forma. Resgatando esse novo significado, podemos pensar em um movimento de formação que permita ao professor buscar os próprios contornos, aqueles que possibilitem sua expressão (Furlanetto, 2003, p. 25).

Na perspectiva da pesquisa-formação, compreende-se esse sujeito como aquele que atua em seus processos de formação.

Destarte, trazer o tema dos processos formativos do educador, diferenciará o “formar” do “formar-se”, possibilitando que se constitua por meio do narrar suas histórias de vida, refletindo sobre elas e, assim, sobre si mesmo. Refletir sobre si mesmo seria então pensar sobre as

experiências vividas ao longo da vida, isto é, sobre as próprias aprendizagens que lhe foram significativas.

Compreender o processo de aprendizagem como uma experiência significativa pressupõe que cada sujeito participante desse processo estabeleça um significado próprio com o objeto de conhecimento, naquilo que Bondia (2002) observa como experiência/sentido: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p. 21). Essa experiência só é possível no encontro com a subjetividade, presente na história de vida de cada um.

Esses saberes internos possuem um papel primordial na maneira como os sujeitos investem nos espaços de aprendizagem, e sua conscientização permite definir novas relações com o saber e com a formação. Essa importância dada à experiência individual está inserida em um movimento global que associa intimamente os formandos aos processos formativos e os considera como os atores responsáveis por sua própria formação (Delory-Momberger, 2006, p. 361).

Portanto, na formação do educador, é imprescindível considerar os sujeitos em sua historicidade, em que o “eu” profissional não é separado do “eu” pessoal. Aqui, compreendemos que pensar no professor em formação, é pensar na pessoa do professor. Para tanto, é preciso “(re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriarem-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro de suas histórias de vida” (Nóvoa, 1992, p. 25).

Diante das reflexões apresentadas até aqui, é possível concebermos que, na abordagem da pesquisa-formação, o narrar a si mesmo é algo imperioso, uma vez que possibilita um saber mais sobre si e, como nos diz Finger (1988, p. 24), “o saber da formação provém da própria reflexão daqueles que se formam”.

Desta maneira, entende-se que a formação do professor acontece nos diversos espaços e tempos ao longo de sua vida e não apenas nos espaços formais de aprendizagem. Seguimos com Alheit e Dausien (2006), que recorrem ao *Memorandum sobre a educação e a formação ao longo da vida*, documento europeu legitimado em Lisboa, em março de 2000, que designa que a educação, ao longo da vida, relaciona-se a todos os processos de aprendizagem significativa, sendo eles:

Processos de aprendizagem formais que ocorrem nas instituições de formação clássicas e que são, geralmente, validados por certificações socialmente reconhecidas; processos de aprendizagem não formais que se desenvolvem habitualmente fora dos estabelecimentos de formação institucionalizados — nos locais de trabalho, em organismos e associações, no seio de atividades sociais, na busca por interesses esportivos ou artísticos; processos de aprendizagem informais, que não são empreendidos intencionalmente e que “acompanham” incidentalmente a vida cotidiana (Commission of the European Communities, 2000 *apud* Alheit e Dausien, 2006, p. 178).

Os diferentes ambientes de formação, quando oferecidos pelos pesquisadores nos espaços de formação, devem ser pensados no sentido de propiciar ao professor em formação se autoconhecer e assim elaborar representações de si mesmo e do mundo.

No nível das práticas de formação (inclusive das institucionais), para favorecer a elaboração biográfica dos processos de aprendizagem, é tão importante gerenciar os espaços de reflexão e de comunicação e mensurar os “possíveis” quanto desenvolver “instrumentos de pilotagem individuais” (Alheit e Dausien, 2006, p. 191).

Na perspectiva dos espaços de desenvolvimento dos instrumentos de “pilotagem”, nos inspiramos em Gaston Bachelard, em seu escrito “A Poética do Espaço” (1993), que observa o quanto o espaço nos convida ou não a agir, portanto ele não é somente um espaço físico, mas um lugar aberto à criação. Tendo isso em mente, podemos entender a importância da elaboração de espaços/tempos de formação que privilegiem a autoria, o que leva a nomeá-los de oficinas ou de ateliês.

A palavra “ateliê” vem do francês e significa “oficina” ou “estúdio”. Representa um lugar do artesão ou do artista, então um local de “fazer com as próprias mãos”, de criação. Um espaço que propicie subjetividades, em que algo afetivo pode se manifestar.

O espaço que aqui evocamos, na perspectiva da formação do professor, é o que encontramos em propostas de Oficinas Formativas. Cristine Josso (2007) nomeia esse tipo de trabalho de “grupos Biográficos”, trazendo orientações sobre os procedimentos necessários para o seu desenvolvimento: “O dispositivo-cenário parte da ideia de que a compreensão do processo de formação implica um processo de conhecimento ao longo do qual os participantes construirão sua história, a partir de uma série de etapas, alternando trabalho individual e trabalho em grupo” (Josso, 2007, p. 420).

Outro forte exemplo a ser apresentado é o do Ateliê Biográfico de Projeto, concebido por Delory-Momberger (2006). A autora faz recomendações quanto ao número de participantes, ao número de sessões e ao contrato que se deve estabelecer, a fim de que os participantes possam se sentir confiantes para se historiarem.

Na perspectiva das oficinas/ateliê, as construções de sentido às narrativas acontecem em processos tecidos entre os participantes na narração das histórias de vida individuais, na escuta das histórias de vida pelos outros participantes, no enlace das histórias de vida dos ouvintes e dos narradores, e em muitos outros fios que formam tramas, nos quais todos se encontram enredados. Josso (2010) observa que, ao produzir narrativas, a pessoa está imersa em “um trabalho solitário, mas largamente habitado pelo diálogo com outra narrativa, ou outras narrativas ouvidas, e a partilha do que foi experimentado durante as etapas precedentes” (p. 93). É a partir dessa trama de relações sociais, nesta coconstrução das histórias de vida, que a existência de um é confirmada pelo outro.

Nesse processo formativo, compreendemos que ouvir sua própria história ser contada é uma oportunidade de pensar sobre ela, dando-lhe um novo sentido. “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar um sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (Passeggi, 2011, p. 147). Delory-Momberger (2006) observa que o ateliê biográfico traz um espaço/tempo propício para que o processo se desenvolva. Embora a proposta não seja terapêutica, como nos aponta a autora supracitada, é inevitável que emoções surjam e sejam expressas.

Destaca-se então que espaço/tempo oferecido de formação ao educador por seus mediadores/pesquisadores, cujo dispositivo seja inspirado em Oficinas/ateliês auto biográficos, pode trazer uma ambientação cuidadosa para que seus atores narrem e transformem suas histórias de vida.

## **PESQUISAS QUE UTILIZARAM O DISPOSITIVO DO ATELIÊ BIOGRÁFICO: SELECIONANDO, SEPARANDO E JUNTANDO OS FIOS**

*(...) um fio de lápis, pontos e traços.  
- Vem cá meu fio, falou.  
(Ana Maria Machado – Ponto a ponto)*

A tecelagem como metáfora foi utilizada na construção metodológica deste artigo devido ao fato de ser uma produção de uma manualidade que permite cruzar fios (fontes) e encontrar pontos em comum assim como pontos divergentes nas pesquisas.

No intuito de juntar, separar, estabelecer arranjos e analisar produções, escolhemos para a Revisão Narrativa. Consideramos o mais pertinente em nossa pesquisa, pelo fato de ter a finalidade de descrever e discutir nos artigos, sob a perspectiva contextual ou teórica, o desenvolvimento de uma questão específica (Rother, 2007).

Essa abordagem procura estabelecer conexões entre diferentes produções, permitindo levantar questionamentos, identificar padrões recorrentes, apontar direções e destacar novos conceitos e metodologias de pesquisa presentes na literatura investigada. Dessa maneira, contribui para a atualização e disseminação do conhecimento científico de um determinado tema ou área de conhecimento.

A revisão narrativa é, segundo Ercole e Alcoforado (2014), bastante utilizada na área da Saúde, mas, de acordo com Furlanetto, Biasolli e Nunes (2023), pouco comum na área de Educação. O desafio se faz ao procurar, “construir uma narrativa com base nos materiais abordados, no sentido de proporcionar à comunidade acadêmica, em um único texto, informações sintetizadas a respeito das abordagens de determinado tema” (Furlanetto, Biasolli e Nunes, 2023, p. 3).

Rother (2007) esclarece que essa categoria de artigos tem caráter descritivo-discursivo e, por proporcionar ao leitor a atualização de conhecimentos sobre uma temática em curto espaço de tempo, contribui sobremaneira para a educação continuada.

Para a escolha dos primeiros fios, pensamos em destacar as pesquisas-formação de educadores inspiradas em Oficinas/Ateliês Biográficos na tentativa de um panorama geral sobre essa abordagem de pesquisa no campo da educação. Entendemos que educadores são aqueles incluídos diretamente no trabalho pedagógico, como professores e gestores.

O primeiro critério para que os trabalhos fossem selecionados ou não, de acordo com o objetivo traçado de compreender como os ateliês autobiográficos foram constituídos, foi o de usar, nas fontes de dados, os seguintes descritores: Ateliê Biográfico, Ateliê histórias de vida e Oficinas biográficas.

No início da pesquisa, foram levantados dados de três bases: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), SCIELO e PERIÓDICOS CAPES. Os filtros escolhidos para a seleção foram de trabalhos em português nos anos de 2019 a 2024, conforme a pesquisa descrita abaixo.

Na BDTD, utilizamos como descritores “ateliê biográfico” e “ateliê histórias de vida”, combinando a palavra Educação.

No portal da Sciello, foi selecionada a área de CIÊNCIAS Humanas e a área temática em Educação, utilizando como descritores “Ateliê biográfico”, “Ateliê histórias de vida” e “Oficinas Biográficas”.

A pesquisa com o site do Periódico Capes foi realizada utilizando os descritores “Ateliê biográfico” e “oficinas biográficas”, e como filtro Ciências Humanas. Ainda com os mesmos critérios, realizamos uma pesquisa no Google acadêmico.

A partir dessa investigação, ficamos com vinte e dois trabalhos de pesquisa-formação com foco nas histórias de vida que foram publicados nos últimos cinco anos e discorriam sobre os ateliês biográficos em educação. Desses estudos, obtivemos duas teses, uma dissertação e dezenove artigos científicos.

Na análise do público que fez parte da pesquisa, constatamos que sete deles haviam sido realizados com estudantes de formação inicial e continuada (extensão, mestrado e doutorado) e três deles com professores formadores. Diante disso, foram desconsiderados em nossas análises.

Ao realizarmos uma primeira análise dos trabalhos, verificamos que cinco deles, embora seu resumo apresentasse o estudo fundamentado na abordagem (auto)biográfica, utilizando oficinas

formativas, inspiradas nos ateliês biográficos, não explicitaram de que forma ocorreu. Portanto, não os consideramos para nossas análises.

Cumpramos destacar também que um dos Artigos foi realizado em Portugal e, embora o público consistisse em professoras de educação básica, não foi considerado mediante nosso interesse na formação continuada no Brasil.

Ao lermos os resumos e/ou introduções dos artigos publicados, notamos que um deles derivava de dissertação: “*Os saberes e não saberes de professores de língua portuguesa: perspectiva formativa*”, de Pires, M. das G. P. Optamos por estudar a dissertação para termos mais elementos para nossas análises.

De acordo com a delimitação do contexto descrita em nossos objetivos: o da formação continuada com o público de professores de educação básica, selecionamos os cinco trabalhos apresentados na tabela abaixo para serem os fios que iriam trazer a composição para nosso artigo.

1. *Atravessamentos no e com o corpo: narrativas estéticas na docência*, das autoras Kolb-Bernardes, R. e Pereira, A. C. C.: artigo publicado em 2019, cujo contexto foi com professoras de educação infantil.
2. *Ateliê biográfico de (auto) formação: cruzando fios e entrelaçando histórias-trajetórias docentes*, da autora Ribas, J. R: Tese publicada em 2021, cujo contexto era de professores de classes multisseriadas.
3. *Os saberes e não saberes de professores de língua portuguesa: perspectiva formativa*, da autora Pires, M. G. P: Dissertação publicada em 2021, cujo contexto era de Professores de Língua Portuguesa sem formação específica.
4. *Vivências autoformativas: tecendo teias para o encontro de si caminhando por entre os espaços-tempo passado e futuro para explicar os professores que hoje somos*, das autoras Miranda, C. S. M, Firme, R. N. e Oliveira, G. F.: Artigo publicado em 2023, cujo contexto era de Professores de Ciências.
5. *Ateliê formativo: narrativas de profissionais da educação em espiral*, das autoras Furlanetto, E. C., Nunes, N. C. e Gonçalves, I. N. C.: Artigo publicado em 2024, cujo contexto era de Professores de Educação Básica e formadores de professores.

A partir desses trabalhos (fios selecionados para nossas análises), interessou-nos verificar como os ateliês foram constituídos, observando quais os pontos que convergiram para que as histórias de vida pudessem ser narradas na pesquisa-formação.

## **OS ATELIÊS BIOGRÁFICOS EM FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: TRANÇANDO OS FIOS PELA URDIDURA**

*E foi-se o tecido cobrindo, de cor em cor enfeitado.  
(Ana Maria Machado – Ponto a ponto)*

Ao lermos os trabalhos na íntegra, observamos que todos eles se inspiraram no Ateliê Biográfico de Projeto (ABP), desenvolvido por Delory-Momberger (2006). A autora sugere que o número de participantes não ultrapasse doze e que o ateliê seja realizado em seis etapas, com uma sequência progressiva que se inicia com a explicitação da pesquisa e contrato e segue com propostas de narrativas a partir de diferentes suportes, além das narrativas escritas e das compartilhadas oralmente. Josso (2007) também considera que as etapas são importantes. Mas os autores dos trabalhos estudados aqui apontaram que fizeram algumas modificações em relação ao número de colaboradores e das etapas sugeridas pela idealizadora, bem como a sequência delas. Isso se deu para que o ateliê fosse adaptado aos contextos e objetivos das pesquisas. Delory-Momberger (2006), em suas orientações, aponta que o ateliê pode sofrer mudanças de acordo com o contexto da pesquisa, ficando a critério do pesquisador fazer adaptações.

Diante dessa diversidade de pensar o ateliê autobiográfico, extraímos dos trabalhos selecionados alguns itens para compreendermos como foram organizados e tecer o nosso tear. Segue o quadro abaixo com a estrutura dos ateliês: número de participantes, número de etapas e encontros, instrumentos de inspiração para as narrativas, bases de suporte para elas, que, segundo Delory-Momberger (2006), são constituídas por brasões, mandalas, projetos parentais, árvore genealógica etc., além das linguagens expressivas utilizadas. Diante disso, foi possível elencar cinco eixos de análise, apresentados no quadro abaixo:

<b>Quadro 1 - Estrutura dos Ateliês encontrada nos trabalhos selecionados</b>					
<b>Títulos das pesquisas</b>	<b>Nº de colaboradores</b>	<b>Nº de encontros e Planejamento em etapas</b>	<b>1º momento: Contrato/ Apresentação da proposta/ Acolhimento do grupo</b>	<b>Ambientação e Instrumentos de inspiração</b>	<b>Base de suporte/ Linguagens expressivas</b>
Atravessamentos no e com o corpo: narrativas estéticas na docência	*	Não identificou o número de encontros/ Houve planejamento em etapas	Não foi relatado como foi realizado o contrato e a apresentação da proposta, mas sim o acolhimento.	Caminhada aos arredores do local/ Objetos recolhidos ao caminhar/ Objetos que remetesse a infância.	Composição expressiva para registro do processo/ Expressões visuais/ Expressões corporais Narrativas orais e escritas
Ateliê biográfico de (auto)formação: cruzando fios e entrelaçando histórias- trajetórias docentes.	6	7 encontros e planejamento em 6 etapas	Houve contrato, apresentação da proposta e acolhimento.	Apreciação de vídeos e de trechos de livro/ Dança/ Perguntas geradoras/ Plantio.	Mandalas Árvore dos sonhos/ Quadro/ Expressões visuais/ Expressões corporais Narrativas orais
Os saberes e não saberes de professores de língua portuguesa: perspectiva formativa	4	4 encontros e planejamento em 6 etapas	Houve contrato, apresentação da proposta e acolhimento.	Exploração dos órgãos dos sentidos/ Caminhada por diferentes materiais/ Apreciação de vídeos e de conteúdos curriculares/ Objetos que remetesse a fases da vida/ Perguntas geradoras.	Mandalas/ Memoriais escritos/ Expressões visuais/ Narrativas orais e escritas

Vivências autoformativas: tecendo teias para o encontro de si caminhando por entre os espaços-tempo passado e futuro para explicar os professores que hoje somos	7	Não identificou o número de encontros e planejamento em 6 etapas	Não foi relatado como foi realizado o contrato, mas sim a apresentação da proposta e acolhimento.	Perguntas geradoras	Escrita em caixa de texto/ Relatos orais e escritos.
Ateliê formativo: narrativas de profissionais da educação em espiral	7	8 encontros e planejamento em 4 etapas	Houve contrato, apresentação da proposta e acolhimento.	Exploração de imagens de espirais simbolizando experiências da vida	Espirais/ Expressões visuais/ Narrativas orais e escritas.

\*não foi possível identificar pelo artigo

Fonte: elaborado pelos autores

Partimos dos itens acima para seguirmos este artigo com alguns dados informativos que julgamos importantes sobre cada trabalho com o intuito de contextualizarmos as análises. O que direcionou nosso olhar foram as reflexões levantadas sobre a pesquisa-formação, que traz, em seu bojo, a importância de proporcionar um espaço-tempo para que as narrativas de vida possam ser expressas e refletidas em experiências significativas.

O artigo *Atravessamentos no e com o corpo: narrativas estéticas na docência* (2019) das autoras Kolb-Bernardes, R. e Pereira, A. C. C., versa sobre o ateliê biográfico realizado em um curso de formação continuada para o ensino de Arte de professores generalistas de educação infantil na Rede Pública de Belo Horizonte. As autoras relataram as experiências que as docentes viveram na Disciplina Plástica Visual. O artigo não identificou o número de participantes nem o número de encontros de ateliê, mas inferimos, pela leitura dele, que foram três. O ateliê, segundo elas, teve o intuito de trazer as experiências estéticas dos percursos pessoais das professoras.

As autoras não informaram sobre o contrato realizado no início dos encontros, mas relataram que abriram um primeiro momento para que as professoras pudessem compartilhar seus percursos formativos, garantindo uma escuta sensível e acolhimento para suas histórias de vida.

O Ateliê aconteceu no prédio de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da UFMG com o intuito de oferecer um espaço que fosse convidativo para o processo de criação (Kolb-Bernardes e Pereira, 2019, p. 72). O pensar no ambiente do ateliê e na sua preparação para cada encontro demonstrou que as autoras foram cuidadosas no sentido de proporcionarem um espaço-tempo para as lembranças e narrativas das experiências.

Para mobilizar as narrativas de si, as participantes foram convidadas a caminharem pelos arredores, a trazerem objetos de casa e a registrarem seus percursos em uma obra expressiva. Foram utilizadas diferentes materialidades e linguagens expressivas, isso, porque, como afirmam as autoras, “registrar a sua própria prática através de desenhos, fotografia, pinturas ou escrita pode ser um rico instrumento de trabalho para o professor que busca construir e reconstruir seus conhecimentos (...)” (Kolb-Bernardes e Pereira, 2019, p. 75). As linguagens e os materiais foram selecionados pelas próprias professoras, garantido um olhar para as subjetividades. Ao apreciarmos as narrativas das professoras, observamos a emoção que as propostas realizadas evocaram, principalmente, porque resgataram memórias de infância.

As autoras relataram que o espaço-tempo, proporcionado no campo da sensibilidade, abriu portas ao projeto de si dos professores, trazendo reflexões e mudanças no olhar para as experiências com as crianças com quem atuavam.

A tese intitulada *Ateliê biográfico de (auto)formação: cruzando fios e entrelaçando histórias-trajetórias docentes*, da autora Ribas, J. R. de 2021, tinha o objetivo de “verificar como se constituem as trajetórias de vida e formação de professores que atuam em classes multisseriadas no Estado de Santa Catarina” (p. 8). O grupo de participantes foi composto por seis professoras efetivas que atuavam em classes multisseriadas do Município de Lages. Os sete encontros aconteceram numa sala do prédio da Secretaria de Educação.

O primeiro encontro foi dedicado à apresentação dos participantes e à proposta do ateliê, além da assinatura do Termo Livre e Esclarecido. Os outros encontros seguiram sempre com temas geradores relacionados à experiência docente em classes multisseriadas com propostas de expressão artística, corporal, apreciação de filmes e uso de materialidades. As vivências eram acompanhadas de reflexões e compartilhamento de experiências.

Na análise do ateliê, notamos que o ambiente para que o mesmo acontecesse foi preparado de forma cuidadosa, tanto na disposição do espaço quanto dos materiais que eram pensados para cada temática a ser desenvolvida em cada encontro.

As narrativas foram inspiradas pela apreciação de vídeos, leituras, danças, plantio e perguntas geradoras e expressas oral, corporal e plasticamente em mandalas, árvore dos sonhos e quadros. A pesquisadora relatou que ofereceu um olhar sensível para as subjetividades e, com isso, o reconhecimento do protagonismo de cada professora em suas histórias de vida. Podemos inferir que isso foi imprescindível para que elas pudessem se sentir pertencentes e valorizadas, como as próprias professoras relataram.

As propostas coletivas, bem como a possibilidade de compartilharem suas narrativas, embora expressassem sentimentos singulares, proporcionou a percepção de que trajetórias estavam interligadas e “fizeram ecoar pluralidade” (Ribas, 2021, p. 113). A autora observou que a troca coletiva ajudou-as a se fortalecerem no desejo de continuar e expandir o trabalho que desenvolviam.

Ao lermos as narrativas contidas na descrição dos encontros dos ateliês, notamos que as propostas que proporcionaram expressões corporais e visuais, as participantes ficaram bastante emotivas. Ribas (2021) considerou que o Ateliê autobiográfico promoveu um novo olhar das professoras para dentro e para fora de si mesmas que “as fez perceber que são protagonistas, importantes e autoras de suas próprias histórias de vida” (p. 129).

A dissertação intitulada *Os saberes e não saberes de professores de língua portuguesa: perspectiva formativa: Perspectiva formativa*, de Pires, M. G. P. de 2019, objetivou conhecer os aspectos que delineavam a constituição dos (não) saberes dos professores de Língua Portuguesa sem formação específica. A pesquisa foi realizada no município de Itapetinga, na Bahia, numa escola municipal, com quatro professores de Língua Portuguesa que não tinham a formação específica na área, e que eram pedagogos. Foram realizados quatro encontros para o desenvolvimento da proposta.

No início, foram explicitados o contrato, as regras, a necessidade de sigilo e o planejamento das etapas. Ao analisarmos o trabalho, percebemos que tanto os encontros quanto os espaços, foram cuidadosamente organizados pela pesquisadora.

Os participantes foram convidados a explorações com materiais sensoriais, apreciação de vídeos, expressão artística em mandalas, memoriais escritos e compartilhamento. Essas propostas eram sempre seguidas de reflexões sobre a docência da Língua Portuguesa, com perguntas geradoras e expressas em narrativas orais e escritas compartilhadas com o grupo. A pesquisadora percebeu que o compartilhamento das narrativas foi fazendo com que os participantes se vinculassem mais.

Observamos, pelas narrativas transcritas na pesquisa, que o Ateliê inspirado nas materialidades trouxe aos participantes memórias de infância que se expressavam com carga afetiva. Na avaliação da pesquisa, relataram que essas vivências foram as mais marcantes. A pesquisadora inferiu que isso ocorreu devido ao fato de ter possibilitado um saber pela experiência do corpo, em que emoções podiam ser expressas, produzindo narrativas repletas de significados, promovendo um novo olhar sobre suas experiências (Porto, 2019).

O artigo *Vivências autoformativas: tecendo teias para o encontro de si caminhando por entre os espaços-tempo passado e futuro para explicar os professores que hoje somos*, publicado em 2023, das autoras Miranda, C. S. M, Firme, R. N. e Oliveira, G. F., tinha o objetivo de tecer com os docentes de Ciências uma teia que relacionasse os polos da auto, hetero e ecoformação, a partir de uma vivência autoformativa. O ateliê foi realizado de forma virtual com sete professores habitantes de três cidades de Pernambuco. As autoras relataram que ele aconteceu em periodicidade, semelhante ao modelo proposto por Delory, em seis momentos.

O artigo não traz informações sobre o contrato, embora esclareça que, no primeiro momento, foram tecidas informações aos participantes sobre o método biográfico e o processo que iriam vivenciar, além de momentos para se conhecerem e criarem conexões entre si. Os encontros se seguiram com propostas de narrativas orais e escritas em que era solicitado que relembassem o passado, relatassem o presente e projetassem o futuro. Também foram convidados a produzirem uma síntese das histórias de vida no que diz respeito à construção docente e, ao final, o processo foi avaliado.

O ateliê ocorreu de forma virtual em virtude do isolamento social na época da Covid 2019. As narrativas eram expressas de forma oral e escrita, de forma individual e em sínteses produzidas pelo grupo. Algumas delas foram escritas em caixas de texto, o que consideramos bastante interessante por se tratar de um recurso utilizado pelos meios tecnológicos aos quais os participantes recorriam facilmente.

Observamos que os pesquisadores ofereceram um ambiente acolhedor às narrativas, inclusive àquelas decorrentes das preocupações com a própria pandemia. Também notamos que o resgate às memórias do passado, que remeteram à infância, trouxeram experiências relacionadas à família, especialmente, às mães, que foram as mais lembradas. Este fato, como bem observam os autores, fez com que os participantes pudessem compreender as marcas que os pais deixaram em suas escolhas profissionais (Miranda, Firme e Oliveira, 2023).

Segundo os pesquisadores, o Ateliê proporcionou reflexões sobre a atuação profissional dos participantes em relação à sua docência no ensino de Ciências, e isso foi possível na teia tecida com os fios do passado, presente e futuro. Diante das reflexões apresentadas, podemos compreender o que Delory-Momberger (2006) descreve sobre o ateliê biográfico de projeto em relação à inscrição do sujeito em sua história de vida, que interliga as três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro), de forma que o projeto pessoal possa emergir.

O último trabalho analisado foi o artigo *Ateliê formativo: narrativas de profissionais da educação em espiral*, publicado em 2024, das autoras Furlanetto, E. C., Nunes, N. C. e Gonçalves, I. N. C. Ele focaliza a investigação dos processos de formação pautados em narrativas produzidas a partir da elaboração de espirais de formação. Foram realizados oito encontros de forma a contemplarem as quatro etapas do ateliê em local físico não identificado no artigo, e também virtual. O grupo foi composto pelo coordenador, dois auxiliares e sete colaboradores (quatro formadores de professores e três professores).

O início do ateliê foi destinado à apresentação da proposta, à assinatura do termo livre e esclarecido e ao acordo sobre o compartilhamento ou não das experiências. Notamos aqui o ambiente acolhedor moldado, como refletem as autoras "(...) com base no respeito, na escuta, no diálogo e na reflexão" (Furlanetto, Nunes e Gonçalves, 2024).

O símbolo da espiral foi utilizado como base de suporte para as narrativas que viriam, primeiramente em forma de imagem. Os participantes apreciaram espirais que simbolizavam a evolução do ciclo da vida e ficaram livres para escolherem as linguagens e os materiais que lhes fossem familiares para organizarem suas próprias espirais. Podemos perceber assim o cuidado das pesquisadoras com a singularidade dos participantes. As espirais foram compartilhadas verbalmente e, mais tarde, revisitadas e transpostas para a linguagem escrita, para novo compartilhamento.

Foi possível notar, tendo como base as imagens, as escritas e os compartilhamentos delas, que as narrativas trouxeram experiências intensas que os participantes viveram e/ou estavam vivendo em suas vidas. Manifestações de emoções vieram à tona nesse espaço-tempo afetivo propiciado pelo ateliê.

As autoras sinalizaram que as retomadas das narrativas a cada etapa do processo, bem como compartilhá-las, promoveu novos significados às histórias de vida e aos processos formativos.

Diante dos resumos descritivos dos ateliês, e dos eixos de análise elencados, seguimos com nossa compreensão dos ateliês (auto)biográficos:

Número de colaboradores: Não obtivemos informações sobre esse quesito no ateliê publicado no artigo *Atravessamentos no e com o corpo: narrativas estéticas na docência*, mas os outros trabalhos descreveram que os ateliês foram compostos por um número pequeno de pessoas. Consideramos que um grupo reduzido proporciona que os participantes se vinculem com mais intimidade. Além disso, as falas de si precisam de um tempo para serem escutadas, como observam Furlanetto, Nunes e Gonçalves (2024): “Escolheu-se trabalhar com poucos participantes para proporcionar a todos oportunidades de compartilhar as suas trajetórias formativas” (p. 9).

Número de encontros e planejamento por etapas: Os ateliês foram compostos por, no mínimo, três encontros levando-nos a compreender que é necessário um tempo para evocar as experiências de vida, organizá-las e torná-las narrativas. Um tempo para as reflexões pessoais e coletivas, para que fossem tecidas e ressignificadas. Todos os ateliês apresentaram o planejamento em etapas, para que as reflexões individuais e coletivas fossem amplificadas e aprofundadas, mas notamos que elas não eram rígidas em suas sequências, foram sendo modificadas conforme o que ia acontecendo nos encontros. Fato verificado no ateliê desenvolvido na tese *Ateliê biográfico de (auto)formação: cruzando fios e entrelaçando histórias-trajetórias docentes*, que foi modificado porque houve um falecimento de familiar de uma das colaboradoras e resolveram aguardá-la para o compartilhamento de algo importante. Também, no ateliê apresentado no artigo *Vivências autoformativas: tecendo teias para o encontro de si caminhando por entre os espaços-tempo passado e futuro para explicar os professores que hoje somos*, em que um espaço foi oferecido para a expressão dos sentimentos relativos ao momento pandêmico. É o espaço-tempo aberto às escutas das necessidades dos docentes, em que a vida está incluída.

Primeiro momento/ contrato, apresentação da proposta e acolhimento: Embora alguns trabalhos não informaram sobre como se deu a assinatura do contrato e/ou Termo Livre e esclarecido, todos eles relataram que foi reservado, no início do ateliê, um momento para que os colaboradores entrassem em contato com a pesquisa-formação, a qual estariam participando, de maneira informativa ou vivencial. Pires (2019), em sua dissertação, esclarece que essa etapa é importante para “(...) estabelecer uma relação de confiança, para construir as narrativas com tranquilidade (p. 63).

Diante disso, entendemos que esse primeiro momento é imprescindível para que os participantes se sintam seguros e respeitados. Para Delory-Momberger (2006), “(...) ele fixa as regras de funcionamento, enuncia a intenção auto-formatadora, oficializa a relação consigo próprio e com o outro no grupo como uma relação de trabalho” (p. 366). Sabemos que o entrar em contato com as histórias de vida evoca emoções que necessitam de um espaço-tempo seguro e acolhedor. Formenti (2008) observa que é essencial, na pesquisa-formação, envolver as pessoas com zelo e

cuidado, para que possam expressar suas narrativas. Todos os trabalhos revelaram que os participantes se envolveram e se emocionaram ao evocarem e narrarem suas histórias de vida, que foram manifestadas em choros e risos.

Ambientação e dispositivos de inspiração: Verificamos o cuidado especial de cada ateliê na organização do espaço e na escolha de dispositivos que iriam evocar as experiências vividas com a intenção de oferecer um espaço-tempo em que os colaboradores pudessem se sentir o mais à vontade possível e inspirados, para entrarem em contato consigo mesmos.

Os dispositivos de inspiração que promoveram percepções com diferentes materialidade e imagens, através da sensorialidade, mostraram-se muito potentes, especialmente no resgate das lembranças da infância. Apreendemos o mundo de diversas maneiras e aquilo que foi registrado em nosso corpo será acionado, não pela cognição, mas sim pelo próprio corpo, uma vez que, como observam Sobral e Porto (2021), “aprende-se pensando, fazendo, sentindo, cheirando e tocando” (p. 11). Nos relatos dos participantes, bem como na descrição dos autores, é factível observar que esses momentos evocaram sensações e sentimentos, já que proporcionaram um mergulho de cada participante em si mesmo. Além disso, a possibilidade de expressarem sentimentos, compartilhando suas angústias e suas motivações, levou os docentes a encontrarem no outro, que também se expressa, uma ressonância.

Base de suporte para as narrativas e linguagens expressivas: na análise dos Ateliês (auto)biográficos, constatamos que eles utilizaram diferentes bases de suporte e linguagens expressivas para que as histórias de vida fossem organizadas: mandalas, espirais, composições, expressões visuais, plásticas, escritas, produção de textos a partir de comandas, narrativas orais e escritas etc. As bases de suporte e as linguagens expressivas configuraram algo, isto é, deram forma para aquilo que ainda estava amorfo, organizaram em linguagem as partes de si mesmo que estavam desconectadas.

A arte, sob as mais diversas modalidades, escrita, literatura, poesia, música, pintura... nos permite agregar fragmentos de nossas experiências sensoriais-imagens, sons, perfumes, sabores-que nos escapam, fogem. A arte de narrar eterniza esses fragmentos do eu sob formas de uma narrativa automedial (Passeggi, 2021, p. 108).

Enquanto as experiências organizam-se numa configuração, novos significados são elaborados. Nesse sentido, entendemos que processos criativos e de aprendizado ocorrem em transformações pessoais e coletivas. Alheit e Dausien (2006) apontam a importância da condição ou do instrumento de mediação nas construções biográficas que refletem a experiência, para que possam se desenvolver e se transformar. Furlanetto, Nunes e Gonçalves (2004), a partir do ateliê promovido, constataram que, “pensar a formação dessa forma é considerar que cada um, tendo consciência ou não, ao narrar sua trajetória de formação, produziu uma obra de arte” (p. 19).

O trabalho com a expressividade promove a experiência com os sentidos, que, segundo Sobral e Porto (2021), vão sendo refinados e educados a partir de experiências estéticas e artísticas, isto é, da arte, literatura, música, dança. As autoras utilizam o termo “educação do sensível”, observando que é ela que colabora na integração das dimensões “sensório-corporal, emocional, estética e intuitiva à sua dimensão cognitiva, criando pontes entre a educação e a organicidade da vida vivente” (p.10).

Destarte, compreendemos que, no Ateliê autobiográfico, abarca/se a dimensão afetiva no envolver as sensibilidades. Ostetto e Kolb-Bernardes (2015) observaram que, no ateliê que promoveram, a partir das linguagens estéticas, os diálogos entre o mundo interno e externo de cada professora potencializou o conhecimento de si por intermédio não somente do pensamento, mas também do sentimento “(..) onde o sensível e o inteligível são acionados, transformando saberes”

(p.172). Somente quando professores tiverem suas sensibilidades desenvolvidas e cuidadas, poderão utilizá-las como fonte de saber e conhecimento (Duarte Jr, 2001).

Sobre o ateliê oferecido em sua pesquisa, que considerou fortemente as dimensões afetivas, Ribas observou que as docentes em formação realizaram uma peregrinação para si mesmas, que gerou várias tomadas de consciência. A autora observou que, como já mencionado neste artigo, os ateliês, mesmo não tendo a intenção de serem, produzem um efeito terapêutico (2021). “Levando em conta as diferentes formas do sensível em nossa formação, é possível fazer emergir dimensões escondidas de si que redinamizam o projeto de si porque recompõem os recursos e a coerência pessoal” (Josso, 2007, p. 435).

Compreendemos, então, que o trabalho com as sensibilidades tornou possível aos docentes encontrarem suas experiências passadas que estavam presentes em suas práticas, bem como refletirem sobre isso e se transformarem. No ato de lembrar, o passado se desloca para o presente, na possibilidade de ser recontextualizado no hoje (aquilo que vivemos pode ser visto com outros olhos), para se projetar no futuro.

É assim que nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilizantes, em inspiração para que nosso imaginário de nós-mesmos possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro, graças a um olhar retrospectivo sobre nós-mesmos (Josso, 2007, p. 435).

## CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS O QUE FOI TECIDO? O QUE SE TEM A TECER?

*Agora era ponto de honra.  
Juntaria um fio a outros, Somaria sua voz,  
faria um canto, um tanto...  
que chegasse a todos nós.  
(Ana Maria Machado – Ponto a ponto)*

Iniciamos nossa pesquisa com o objetivo de compreender como os ateliês (auto)biográficos foram constituídos nas pesquisas brasileiras de formação continuada de professores da educação básica publicadas nos últimos anos.

Escolhemos como suporte para explicitar nosso caminho o tear, que sugere como os tecidos são tramados e nos auxiliou na descrição de como nosso texto foi tecido. Inicialmente, compusemos a urdidura, usando fios que se constituíam de preceitos da abordagem da Pesquisa-formação com foco nas histórias de vida. Na sequência, a revisão de literatura narrativa nos possibilitou selecionar alguns textos que nos forneceram fios para traçar a trama.

A partir das análises e discussões que fomos compondo, constatamos que os trabalhos selecionados trouxeram, em seu bojo, os temas levantados no item “a pesquisa-formação com foco nas histórias de vida: estruturando a urdidura”. Todos enfatizaram a singularidade de cada sujeito participante da pesquisa, colocando em destaque o seu protagonismo e sua possibilidade reflexiva no (auto) formar-se, bem como a relevância da escuta sensível para a valorização das experiências daquele que narra, no (hetero) formar-se. Assim sendo, observamos um enlace entre os fios decorrentes das falas dos autores citados neste artigo.

Retomando os eixos de análise, foi possível detectar que os ateliês autobiográficos como dispositivo na formação continuada do docente de Educação Básica têm se estruturado, em geral:

- Com um número pequeno de colaboradores, garantindo uma ambientação mais íntima, e tempo para que todos se expressem verbalmente;
- Com etapas planejadas em, no mínimo, de três encontros, para que haja tempo de evocar, aprofundar-se e atribuir novos significados às histórias de vida;

- Valorizando o acolhimento dos participantes no início da pesquisa, a partir da apresentação da proposta e da apresentação dos integrantes do grupo;
- Organizando o espaço e os dispositivos de inspiração de forma cuidadosa, promovendo uma ambientação auspiciosa para a evocação das experiências significativas e configuração delas em narrativas;
- Disponibilizando diferenciadas bases de suporte e linguagens expressivas, considerando também a dimensão do sensível na manifestação, organização e criação das obras.

Nossos estudos nos fizeram conceber que o ateliê autobiográfico como dispositivo da pesquisa/formação com docentes oferece instrumentos e linguagens para que os participantes se inspirem e expressem suas narrativas, que os remetem a memórias afetivas. As experiências passadas, que se fazem presentes nas práticas docente, quando reveladas, possibilitam um pensar sobre elas, transformando-as.

Constatamos a importância de pesquisas-formação que busquem valorizar o protagonismo do professor, proporcionando um espaço-tempo apropriado para a manifestação das narrativas, um espaço-tempo de acolhimento e de escuta, um espaço-tempo de criação, que promova transformações. Dessa maneira, as vozes dos docentes poderão ser ouvidas (por eles mesmos, pelos outros), somando-se a outras, nessa entramada rede da educação.

Perante o exposto, consideramos que a proposta do Ateliê autobiográfico na formação continuada de professores da educação básica abre caminhos de reflexões sobre os desafios encontrados no chão da escola, assim como maneiras de enfrentá-los. Um caminho para uma educação mais sensível, em que a formação do professor segue pautada também na valorização das suas experiências afetivas que ocorreram ao longo da vida.

Percorrendo o caminho, ainda com Ana Maria Machado em nossa epígrafe, manifestamos o desejo de que outros fios se juntem aos de nosso tear, engendrando-se e formando uma grande tecedura coletiva, por isso este artigo não se encerra aqui.

E assim, diante dos aprendizados tecidos, que agora também compõe nossa história, aprendizados que também nos formam e transformaram, fechamos-abrimos esta narrativa com a sensação de que...

*Nem sabiam que o fiapo de voz também estava, ponto a ponto, tecendo sua história.*

*(Ana Maria Machado – Ponto a ponto)*

**Contribuições dos Autores:** Santos, D. P.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Furlanetto, E. C.: concepção e desenho, análise e interpretação dos dados, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Nunes, C. N.: análise e interpretação dos dados, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todas as autoras leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

**Aprovação Ética:** Não aplicável.

**Agradecimentos:** Não aplicável.

## REFERÊNCIAS

Alheit, P., & Dausien, B. (2006). Processo de formação e aprendizagens ao longo da Vida. *Educação e pesquisa*, 32(1), 177-19. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000100011>.

André, M. (2010). Formação de Professores: a Constituição de um Campo de Estudos. *Educação*, [S.l.], 33(3), 174-181.

Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

- Bernardes, R. K., & Pereira, A. C. C. (2019). Atravessamentos no e com o corpo: narrativas estéticas na docência. *Revista Ambiente Educação, 12*(1), 68-79. <https://doi.org/10.26843/ae19828632v12n12019p68a79>.
- Bondia, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação, 19*, 20-28.
- Delory-momberger, C. (2006). Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa, 32*(2), 359- 371. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>
- Delory-momberger, C. (2014). Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN.
- Dominice, P. (2006). A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. *Educação e Pesquisa, 32*(2), 345-357. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200010>
- Duarte JR, J. F. (2001). O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições.
- Ercole, F. F., Melo, L. S., Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem, 18*(1), 9-12. <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>.
- Finger, M. (2010). As implicações socioepistemológicas do método biográfico. In: Nóvoa, A., & Finger, M. (org.). O método (auto)biográfico e a formação. São Paulo: Paulus, p. 111-119.
- Formenti, L. (2008). A escrita autobiográfica e zelo: um olhar composicional. In: Passeggi, M.(org.). Tendências da pesquisa (auto)biográfica. Natal: EDUFRRN; São Paulo, SP: Paulus, p. 51-71.
- Furlanetto, E. C. (2003). Como Nasce um Professor? São Paulo: Paulus Editora.
- Furlanetto, E. C., Biasoli, K. A., & Nunes, C. N. (2023). Atendimento pedagógico hospitalar: uma revisão narrativa. *EccoS – Revista Científica, [S. v.]*, 67, 1-20. <https://doi.org/10.5585/eccos.n67.23822>.
- Furlanetto, E. C., Nunes, C. N., & Gonçalves, I. N. de C. (2024). Ateliê formativo: narrativas de profissionais da educação em espiral. *Linguagens, educação e sociedade, 28*(57), 1–21. <https://doi.org/10.26694/rles.v28i57.5441>
- Josso, M-C. (2004). Experiências de Vida e Formação. (2004). São Paulo: Cortez, 2004.
- Josso, M.-C. (2008). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação, 30*(3).
- Josso, M-C. (2010). Da formação do sujeito. Ao sujeito da formação. In: Nóvoa, A., Finger, M. (org.). O método (auto)biográfico e a formação. São Paulo: Paulus, p. 57-68.
- Machado, A. M. Ponto a ponto. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.
- Miranda, C. S., Firme, R. do N., & Oliveira, G. F. (2023). Vivências autoformativas: tecendo teias para o encontro de si caminhando por entre os espaços-tempo passado e futuro para explicar os professores que hoje somos. *Horizontes, 41*(1), e023025. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v41i1.1551>.
- Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. Lisboa, Dom Quixote.
- Ostetto, L. E.; Kolb-Bernardes, R. (2015). Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. *Proposições, 26*(1), 161–178. <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507611>.
- Passeggi, M. da C. B. (2010). Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: Passeggi, M. C. B., Silva, V. B. (org.). Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 103-130.
- Passeggi, M. da C. B. (2011). A experiência em formação. *Educação, 34*(02), 147-156.
- Passeggi, M. da C. B. (2021). Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Revista Práxis Educacional, 17*(44), 93-113. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i44.8018>.

Pineau, G. A. (2010). Autobiografia no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: Nóvoa, A., & Finger, M. (org.). O método (auto)biográfico e a formação. São Paulo: Paulus, p. 91-109.

Pires, M. das G. P. (2021). Os saberes e não saberes de professores de língua portuguesa: perspectiva formativa. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Ribas, J. da R. (2021). Ateliê Biográfico de (auto)formação: Cruzando fios e entrelaçando histórias-trajetórias docentes de professores em classes multisseriadas no estado de Santa Catarina. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Rother, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. (2007). *Acta paulista de enfermagem*, 20(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>

Sobral, C. M. A., & Porto, B. S. (2022). O caleidoscópio para uma formação docente ludo-sensível do pedagogo: é possível! *Revista De Estudos Em Educação E Diversidade - REED*, 3(8), 1-19. <https://doi.org/10.22481/reed.v3i8.11030>

**Recebido:** 14 de março de 2025 | **Aceito:** 2 de setembro de 2025 | **Publicado:** 28 de outubro de 2025



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.